

Ana Araújo
Maria Clara Xavier

Através das sombras

A partir de clássicos de Eurípides,
Sêneca, Sófocles e Aristófanes

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2008

Diretor da Faculdade de Letras

Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor

Wander Emediato de Souza

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis
Elisa Amorim Vieira
Lucia Castello Branco
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Maria Inês de Almeida
Sônia Queiroz

Revisão e normalização

Cláudia Campos
Edina Patrícia Souza Barreto

Formatação

Mireille Viviane de Paula

Revisão de provas

Edina Patrícia Souza Barreto
Mireille Viviane de Paula

Capa e projeto gráfico

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015A
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Telefax: (31) 3409-6007
e-mail: vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário

Sobre uma dramaturgia de sombras . 5

Ana Araújo

Maria Clara Xavier

Através das sombras . 8

Ana Araújo

Maria Clara Xavier

Sobre uma dramaturgia de sombras

Ana Araújo e Maria Clara Xavier

Devemos começar falando da vontade de montar textos teatrais antigos e discutir essas montagens. A vontade vem do contato com os textos originais gregos e latinos e de um olhar dirigido pela experiência teatral. Esse olhar muitas vezes sugere um abismo entre o texto e a encenação. Nós percebemos o potencial do texto e as dificuldades de transformá-lo em cena à maneira contemporânea, e tentamos o atalho da tradução para possibilitar esse diálogo. Quem sabe assim – fazendo traduções “à maneira contemporânea” desses textos antigos – pudéssemos construir um texto que fosse lido pelos atores, diretor, público, como agradável para a cena.

Diante desse desejo, apareceu-nos, com o projeto Artista Visitante, uma possibilidade de realização. Tínhamos um tema: loucura, morte, suicídio. Tema atemporal, muito explorado também no teatro antigo. A opção mais viável era trabalharmos com recortes – sombras – de textos de autores da Antigüidade (Eurípides, Sófocles, Aristófanes, Sêneca), porque assim proporcionaríamos a nós, aos atores, ao diretor e ao público um breve panorama da linguagem teatral fundadora do teatro ocidental.

A partir de uma primeira estrutura construída pela colagem desses recortes, os atores e o diretor iniciaram o processo de montagem, que desse momento em diante pautou-se pela troca: o texto foi para os atores, os problemas que apareceram voltaram para nós, uma segunda versão do texto com tentativas de solução, um segundo retorno, soluções textuais e dramatúrgicas propostas pelos atores e rediscutidas, e daí por diante.

Finalmente, de uma rede de parcerias de que destacamos o diretor do espetáculo, Júlio, e os atores, Alexandre, Bruno, Cláudia, Fernando, Flávia e Hudson, surgiu

a dramaturgia de uma encenação, objeto contemporâneo com base nos clássicos.

Devemos agradecer a Gustavo Frade e Emerson Amaral, por terem cedido versões inéditas de alguns trechos de tradução que nos serviram de referência para nossa própria versão. Em especial, agradecemos à professora Tereza Virgínia, que acredita, investe e faz planos conosco de prosseguir neste trabalho.



Sacrifício.
Museu de Gotha.

Através das sombras

Personagens

(Além desses, serão necessários atores/contraregras que orientem a platéia.)

Viajante

Hércules

Suicida

Pai

Mãe

Esposa

1 - Dioniso e Hércules

Dioniso é uma bichona, barrigudo, com uma túnica cor-de-rosa e uma pele de leão como echarpe. Entra acompanhado de um escravo a cavalo.

(As rãs, v. 35 a 48.)

Dioniso: *(para o escravo)* Desça, espertalhão! Pois para perto dessa porta estou indo agora, aonde eu tenho que ir primeiro.

(Chamando para dentro de casa) – Menininho! Menino! Estou chamando, menino! Ô Hércules!

(a porta é aberta por Hércules)

Hércules: Quem pisou na minha porta? Quem entrou como um cavalo? Fala pra mim: o que é isso?

Dioniso: *(à parte para o escravo)* Ô Menino!

Escravo: O que é?

Dioniso: Você não percebe?...

Escravo: O quê?

Dioniso: O medão que ele tem de mim?

Escravo: Por Zeus, não endóida não.

Hércules: *(a parte)* Deméter me acuda, não agüento não rir! Realmente, eu me mordo mas rio assim mesmo.

Dioniso: Aproxime-se, cavalheiro, pois lhe peço uma coisa.

Hércules: *(para Dioniso)* Não dou conta de espantar o riso vendo uma pele de leão por cima de um vestido rosinha. Cadê o bom senso? O que tem a ver o coturno com o porrete? De que terra você saiu?

(As rãs, v. 108-165)

Dioniso: *(para Hércules)* Bem, na verdade, o motivo de eu ter vindo nestes trajés, a sua imagem, é para que você me fale sobre os anfitriões, os seus, caso eu precise, pelos quais você foi cuidado quando foi até o fundo da terra, me fale deles; e sobre os portos, padarias, bordéis, pousadas, atalhos, fontes, trilhas, lugares de ficar, com camareiras e menos percevejos.

Escravo: E eu, não digo é nada!

Hércules: Ô, coitado! Mas você vai ter coragem de ir mesmo?

Dioniso: Mais nada sobre isso! Mas me diga das trilhas, por qual delas a gente vai sentar mais rápido lá no inferno, diga uma que não seja nem quente, nem muito gelada.

Hércules: Então agüenta: qual delas vou falar primeiro? Qual? Bem, assim, uma é a da corda e do banquinho, para quem quer se pendurar.

Dioniso: Pára! Essa é sufocante.

Hércules: Há ainda um atalho muito usado: o da taça.

Dioniso: Ora! Você diz o... veneno?

Hércules: Exatamente!

Dioniso: Ele é frio e invernosos; gela de uma vez as canelas.

Hércules: Prefere um direto e rápido? Vou dizer.

Dioniso: Sim, por Zeus, já que não sou bom para andar.

Hércules: Agora, vá pé-ante-pé até o Cerâmico.

Dioniso: E depois o quê?

Hércules: Suba ao topo da torre...

Dioniso: E daí?

Hércules: Daí, observe a tocha chispando, e depois, enquanto os observadores observam o "vai!", vai você também.

Dioniso: Pra onde?

Hércules: Pra baixo.

Dioniso: Mas aí eu morro e faço omelete dos miolos! Não posso ir por essa trilha.

Hércules: Uai, então...

Dioniso: Assim não! Pela mesma que você desceu.

Hércules: Mas a travessia é longa. Vai dar direto num grande pântano muito profundo.

Dioniso: E como vou atravessar?

Hércules: Num barquinho pequenininho; um velho marinheiro vai te transportar cobrando o pagamento de dois óbolos.

Dioniso: Ai de mim! Que enorme poder têm dois óbolos, em qualquer lugar! Como essa moda chegou até lá?

Hércules: Teseu levou. Depois disso, você vai ver cobras e uma porção de monstros assombrosos.

Dioniso: Não me atordoe nem assuste, pois não me fará retroceder.

Hércules: Êita! Aí vem muito lodo e esterco que não acaba. Nisso estão deitados quem foi injusto alguma vez com um estrangeiro, ou ficou com a prata dos meninos que bolinou, ou espancou a mãe, ou socou a cara do pai, ou jurou falso juramento, ou citou uma piada de comédia grega.

Dioniso: Sim, pelos deuses! Devia estar também junto deles quem aprendeu a dançar o “Ilariê”.

Hércules: Aí um certo sopro de flautas vai tomar conta de você; e vai ver uma luz mais linda do que a daqui... bosques perfumados, cortejos alegres de homens e de mulheres, e uma salva de palmas.

Dioniso: E quem são eles?

Hércules: Os iniciados. Eles vão falar tudo de uma vez, o que você precisar, porque eles moram bem perto dessa trilha, perto das portas onde é a casa de Plutão. Então tudo de bom, irmão.

Dioniso: Então, adeus e muita saúde!

Dioniso e o escravo saem. Hércules permanece em cena.

2 - Morte de um suicida

Sem texto. O suicida é um guerreiro, forte e viril, no modelo do herói antigo. Hércules participa da preparação do ambiente para o suicídio, que se realiza de forma simbólica, assim como a morte das crianças. Os detalhes de rubrica são dados pelo texto no item 7.

O ritual é macabro: “Aí vem muito lodo e esterco que não acaba.” (As rãs). Ouvem-se vozes das crianças, da esposa, do avô:

Avô: Em fuga, crianças, corram!

Menino: Papai amado, imploro, não me mate, pai! Sou seu, o seu filho! Não vai acabar com o do rei.

Mãe: Pai, o quê você tá fazendo? Mata seus filhos?

Filhos: Ai, quê que eu faço? Para onde eu fujo da mão da mãe?

Não sei, meu irmão, vamos esconder.

Sim! Deuses, precisamos de socorro. Como já estamos perto dos perigos do punhal!

Hércules, tentando sair, executa a ação descrita abaixo:

“E no pai que demorava, as crianças retiveram olhos: ele já não era ele mesmo, mas perdido na contorção dos olhos, veias saltadas e olhos injetados, coloca baba para fora da crina espessa”. (Héacles).

Em seguida, é amarrado “com laços de cordas entrelaçados” (Héacles), e tirado do ambiente como um louco.

3 - Ambiente sacrificial

Instaura-se um ambiente ritual (sacrificial/purificador), segundo as seguintes rubricas:

“Aí um certo sopro de flautas vai tomar conta de você; e vai ver uma luz mais linda do que a daqui... bosques perfumados, cortejos alegres de homens e de mulheres, e uma salva de palmas”. (As rãs)

“Então, as oferendas estavam em frente ao altar de Zeus, purificadoras para a casa. Morto o rei da terra, Hércules o expulsou dessas moradas. Disposto o coro formoso de filhos, pai e Mégara; em círculo já a cesta tinha circulado o altar, guardamos o som sagrado. Na hora de carregar com a mão direita o tição, para no lavabo, assim, mergulhá-lo, a cria de Alcmena pára em silêncio”. (Héacles).

O público desloca-se durante o ritual.

4 - Morte das crianças

Acontece uma cena muda em que Hércules mata as crianças, usando bonecas (marionetes de cara de louça ou bonequinhos de vodu).

Em seguida, é amarrado "com laços de cordas entrelaçados", e tirado do ambiente como um louco.

5 - O pai e o suicida

O pai de Hércules entra procurando o filho, chamando pelo nome:

Pai: Hércules!

Vê o suicida, pensa que é Hércules, e o apresenta:

Pai: Será que os desejos... enganam meus olhos? Ou será... o domador da terra! Glória dos gregos, fora da casa em silêncio, neblina triste?! Não é o meu filho?! As pernas falham de alegria. Ô filho, salvação de Tebas! – certa e tardia... – Tenho você de volta à luz ou... iludido com sombras, vazias, me alegre? É... você?

6 - Suicida

O herói suicida, que o pai pensava que era Hércules, prepara o suicídio. O pai, sem ser percebido, desfaz a preparação. Isso se repete várias vezes ao longo do texto.

Suicida: O assassino está de pé, tão afiado quanto poderia. Se ainda é tempo de refletir... afiado na pedra que desgasta o ferro, e bem fixo na terra, com o maior cuidado para trazer, gentil, a morte rápida deste homem. Já estou pronto. Invoco Hermes, guia subterrâneo, para bem me pôr para dormir: sem me debater e com um pulo rápido, rasgando a costela com esta espada. Chamo as veneráveis Erínias de passo longo, protetoras e sempre jovens, que sempre enxergam todas as paixões dos mortais: me escutem, porque sou destruído, miserável, pelos dois Atridas. Então, carreguem com os dois, maus e destruídos, da pior maneira, e da mesma forma que me viram cair assassinado, sejam destruídos,

assassinados, diante dos filhos mais queridos. Adiante, Erínias, velozes e vingadoras! Não economizem e comam o corpo todo do exército! E você, sol, que dirige o alto céu segurando a rédea dourada, quando vir minha terra natal, anuncie minhas loucuras e meu destino ao velho pai e à mãe infeliz! Quando a desgraçada receber a notícia, logo lançará soluços pela cidade inteira. Mas, de que serve lamentar em vão? Pois o ato deve começar com alguma rapidez. Ai, Morte! Morte! Vem caminhando me visitar! Do lado de lá ainda falarei contigo, companheira constante. Mas a você, luz do brilhante dia, e a você, sol, sempre em seu carro, dirijo por último as últimas palavras! Luz e solo sagrados da terra de casa: Salamina, morada paterna, e Atenas ilustre, povo irmão! E fontes e rios que conheci nas planícies troianas que me alimentaram: adeus! Esta última palavra, Ajax grita pra vocês. Mas, no Hades, aos lá de baixo, contarei outras.

(Suicídio se repete idêntico. "O herói lança-se sobre sua espada. Seu corpo fica encoberto por uma moita.")

7 - O pai e Hércules

Hércules entra em cena, o pai o reconhece:

Pai: Ô filho, salvação de Tebas! – certa e tardia... – Tenho você de volta à luz ou... iludido com sombras, vazias, me alegre? É... você? Reconheço os músculos. E os ombros, e no alto do corpo, a mão notável.

Hércules, enlouquecido, executa a descrição abaixo:

Hércules pára em silêncio. E no pai que demorava, as crianças retiveram olhos: ele já não era ele mesmo, mas perdido na contorção dos olhos, veias saltadas e olhos injetados, coloca baba para fora da crina espessa. E disse com risada convulsiva:

Hércules: Quem me dá o arco? E quem a clava? Para Micenas eu vou, preciso pegar toras e enxadas para derrubar de novo os alicerces dos Ciclopes, bem fundados com prumo vermelho e com ponteiros e com foice.

Nisso, andando, não tendo um carro, diz que tem, e para dentro da boléia foi: em volta, ataca com a mão como se com chicote. Dúbios eram os acompanhantes, era riso e medo juntos e alguém disse, olhando um para o outro:

Pai: *(interferindo)* Brinca conosco, ou está louco?

Ele insinuava-se de cima a baixo pela casa. Avançando para o meio da sala dos homens, na cidade de Nisso disse estar; dentro do palácio chegando, reclinado no chão, ali prepara uma comida. Passa, assim, um breve tempo em repouso e para a planície arborizada do Istmo dizia avançar. Então põe o corpo nu das roupas: contra ninguém combatia e era proclamado ele, por ele mesmo, gloriosamente vitorioso sobre ninguém, ordenando atenção. Males para o rei bramindo: estava em Micenas, através da palavra. Então o pai tocando a cabeça com a mão falou isso para ele:

Pai: Meu filho, o que é isso? Em que lugar de transe você padece? Será que Baco te possui com o massacre dos mortos que agora você mata? *(Nesse momento, Hércules sai. O pai descola-se da ação, e dirige-se à platéia em sua narrativa do acontecido).* Aí, ele me empurra, eu que, suplicante, com medo toco-lhe a mão, e pensa que sou o pai de outro rei. Flecha ligeira prepara e atira contra os próprios filhos, os do outro rei pensando matar. Então eles, alarmados pelo medo, uivam uns para os outros, um para a saia da mãe sofrida, outro pra baixo da sombra de uma coluna, e outro para debaixo do altar: um pássaro terrificado. Berra a mãe: "Pai, o quê cê-tá-fazendo? Mata seus filhos?" Berro também eu e a multidão dos escravos. Aí, ele persegue o menino ao redor da coluna – giro terrível de pés! – de frente está e atira no fígado: o menino que cai de costas encharca de sangue os pilares de pedra, exalando a vida. Ele, então, anunciava e exibia: "Um passarinho do rei esse que morre. O ódio paterno – que caiu sobre mim – é ele quem paga." E para o outro mantinha o arco, para o que estava perto da base do altar, terrificado, pensando estar oculto. Então se antecipa o

coitado, caindo para os joelhos do pai, e para o queixo e pescoço lançando as mãos: "Papai amado, imploro, não me mate, pai! Sou seu, o seu filho! Não vai acabar com o do rei." Aí, girando o olhar feroz de Górgona, já que o filho está perto da triste flecha, ele imita um ferreiro e sobre a cabeça lança a clava: fez cair o filho de dourada cabeça; despedaça os ossos. Abatendo o segundo filho, avança para o terceiro sacrifício, assim como imolou os dois. Mas antecipa-se a miserável para dentro da casa: mãe que protege nos braços e tranca portas. Ele, então, como se fosse contra os Ciclopes, cava, arromba portas, derruba portais, e mulher e filho com uma flecha cobriu. E então cavalga para o meu massacre; mas veio uma visão, aparecia como uma imagem de Palas balançando a lança e atira uma pedra contra o peito de Hércules. Ele saiu da homicida fúria e em sono entrou. Cai no chão e bate as costas contra uma coluna que na queda do teto, quebrada em duas, jazia sobre o alicerce. Nós, então, livrando da fuga os pés, com laço de cordas entrelaçadas prendemos Hércules junto à coluna. Assim, despertando do sono, não poderia fazer mais nenhum dos feitos. Dorme o miserável em sono não feliz, filhos tendo matado e esposa; eu, portanto, não conheço dos mortais algum mais desgraçado. *(O pai sai.)*

8 - Suicida e Esposa

O suicida levanta-se e procura pelo filho:

Suicida: Traga-me agora o meu filho, para eu ver.

(Entra a esposa.)

Esposa: Pus ele pra fora, de medo.

Suicida: Quando dos meus males, ou... o que você quer dizer?

Esposa: Que o infeliz não morresse ao lhe encontrar.

Suicida: Isso era certo, por eu estar possuído.

Esposa: Então, eu cuidei de afastá-lo.

Suicida: Agradeço o trabalho e o cuidado que teve.

Esposa: Mas, na prática, o que... ou... como posso lhe ajudar quanto a isso?

Suicida: Me deixa falar com ele e vê-lo de perto.

Esposa: Ele está sendo guardado logo ali.

Suicida: Se está chegando, por que já não está presente?

Esposa: Ô filho, seu pai lhe chama! Alguém traga o menino até aqui pela mão.

Suicida: Você chamou e ele está vindo, ou não escutou as palavras? Esposa – Já vem se aproximando.

Suicida: Carrega o menino, carrega pra cá. *(A esposa tira dos seios um boneco, representando o filho, e entrega-o ao suicida.)* De imediato, deve-se educá-lo em valores como os do pai, para que assimile esta natureza. Ô filho, tomara que você seja mais feliz do que o papai, e nas outras coisas, igual. E que não seja feio! Por isso agora eu tenho até inveja de você, porque não entende nada desses males. Nada sentir é a melhor coisa da vida. Não sentir torna o mal indolor, até que se aprenda a alegria e o sofrimento.

9 - Momento de lirismo infantil. Brincadeiras: roda, bola, balão. Bolas gigantes coloridas. Acalantos brasileiros: “Villa Lobos das crianças”.

10 - Mãe

Mãe: *(com as crianças)* Agirei assim? Filhos, meus filhos, é dos dois a cidade e a casa onde vocês, que me abandonam, coitada, morarão sempre, órfãos de mãe. Agora, eu, pra outra terra vou fugida, antes de ver e curtir os dois felizes, antes de banhos, mulher e leitos nupciais purificar e antes de carregar as tochas. Ô desgraçada pela minha arrogância! Se em vão, meus filhos, eu lhes dei de comer, se em vão sofria e fui dilacerada pelos esforços, suportando nos partos dores implacáveis, é fato que por isso a infeliz, eu, tinha expectativas muitas em vocês, para cuidarem de mim na velhice e me embrulharem, morta, na terra firme, fazendo

inveja nas pessoas. Mas agora, está morto o doce sentimento pois, órfã dos dois, atravessarei minha vida sofrida e digna de pena. Vocês já não verão a mãe com os olhos queridos, irão gota a gota até outra forma de vida. *(Grito gutural de dor.)* Fêu! Fêu! Por que me fitam com os olhos, filhos? Por que sorriem o último dos sorrisos? Aiá!... Como agirei? Pois o coração desfalece, mulheres, quando vejo o olhar alegre dos filhos. Não seria capaz. Desistirei das primeiras decisões: vou levar as crianças embora das minhas terras. Que me importa que o pai deles receba estes males, se eu mesma sofro duas vezes tamanhos males? Não, eu não! Desistirei das decisões. Mas, o quê que está me acontecendo? Quero oferecer riso, deixando impunes meus inimigos? Isso é coragem? Ao contrário, é covardia minha aproximar palavras brandas do peito. Vão juntas, crianças, para o quarto. Não importa que a justiça não esteja presente nos meus sacrifícios: não abrandarei a mão. Ah! Ah! *(Medéia sai, gritando.)*

11 - Repetição idêntica da cena 5, exceto porque a mãe faz o papel que era feito por Hércules (o papel de assassino das crianças).

12 - Velório do suicida e das crianças. A esposa prepara o corpo do suicida, a Mãe e Hércules os das crianças. Dioniso, no trono de Hades, recebe os corpos.

Este texto teatral é composto da tradução de fragmentos dos seguintes textos clássicos: *Hércules*, de Eurípides; *Medéia*, de Eurípides; *Hércules Furens*, de Sêneca; *Ájax*, de Sófocles; e *As rãs*, de Aristófanes. Os estudos que levaram à sua elaboração e à montagem cênica ao final do processo integram as atividades do Programa Letras e Textos em Ação, da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela Prof^ª Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. Em 2008, este programa contou com a participação do Artista Visitante Júlio Vianna, diretor teatral e ator.

V
V V
V V
viva VOZ